

Arquivo recebido em
12 de dezembro de 2012
e aprovado em
5 de abril de 2012

V. 2 - N. 3 - 2012

* A nota bibliográfica é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Teologia em 2012 da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Manzatto.

* *Membro do Grupo
LERTE-PUC-SP.

Teologia e Literatura: uma aproximação teológica com Machado de Assis*

Theology and Literature: a theological approximation with Machado de Assis

*Renato Gomes Alves***

Resumo

O discurso teológico ainda hoje é entendido como algo restrito ao âmbito eclesialístico e clerical. Porém, cada vez mais percebe-se a abertura ao diálogo e a ampliação de seus horizontes, dentro de um mundo globalizado e secularizado. O diálogo acontece quando há proximidade de seus interlocutores. Por essa razão, o presente trabalho visa à aproximação entre Teologia e Literatura, esta última muito bem representada por Machado de Assis. Em sua obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, encontramos uma visão de homem machadiana. Ora, a Teologia sabidamente não se faz sem a Antropologia. Desse ponto em comum, vemos brotar o pensar sobre Deus, que se fez Homem para nos salvar.

Palavras-chave: Teologia, Literatura, Machado de Assis, Humano, diálogo.

Abstract

The theological discourse today is understood as something restricted to the ecclesiastical and clerical ambit. However, increasingly has been perceived openness to

dialogue and broadening your horizons, within a globalized and secularized. The dialogue takes place when there is proximity to their interlocutors. Therefore, this work aims at approximation between Theology and Literature, the latter very well represented by Machado de Assis. In his Epitaph of a Small Winner, we find a machadian vision of man. Nevertheless, Theology, notoriously, is not without Anthropology. From this point in common, we awakened to think about God, who became Man to save us.

Keywords: Theology, Literature, Machado de Assis, Human, dialogue.

* * *

Machado de Assis (1839-1908), escritor, romancista, cronista e autor de diversos outros gêneros literários, é um grande expoente da literatura brasileira. Sua obra vasta e seu reconhecimento internacional conferem grande notoriedade e autoridade ao autor no campo literário. No entanto, não somente a fama, mas a riqueza e o conteúdo de sua obra garantem e atestam a genialidade desse autor.

De entre toda a sua produção, a obra romanesca consiste em nove romances produzidos entre 1872 a 1908, claramente distintos, pela maioria dos críticos literários, em duas fases: a primeira da inexperiência, dos modelos seguidos à risca e voltada ao Romantismo, composta por Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878); e a segunda da maturidade, onde se vê o despontar do gênio e marcada pelo Realismo, cujas obras são Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Quincas Borba (1891), Dom Casmurro (1900), Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908)¹.

Nota-se, a partir desta descrição, que Memórias Póstumas de Brás Cubas se configura como um divisor de águas, um início de uma nova visão de mundo e o começo de outra fase do autor em seus romances. Este marco não passou despercebido e justamente foi o ponto de partida e o fundamento da pesquisa teológica de nosso trabalho. Memórias

1. Cf. CRUZ, Dilson Ferreira da. *O éthos dos romances de Machado de Assis: uma leitura semiótica*. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2009, p.19

Póstumas, então, serviu de base e ponto de encontro para o discurso teológico.

Todavia, antes dessa realização, que de per si é desafiadora e provocadora, fez-se necessário aclarar alguns pontos. Primeiro, compreender o que, de fato, é a Teologia e enxergá-la como ciência. Segundo, ver a possibilidade e o interesse de aproximar Teologia com Literatura, uma vez que ciência e arte são dois campos distintos do saber humano, mas dialogáveis entre si, não tanto pelo fazer, mas pelo ser humano que o realiza. E terceiro, escolher e apresentar um método para realizar essa aproximação. Tal escolha se pauta pelo ponto em comum entre Teologia e Literatura: o Humano, pois na Teologia, “não se pode falar de Deus sem falar do homem, como não se pode falar do homem sem falar de Deus”², e na Literatura, o Humano é sua maior inspiração e representação. Nisto consiste, basicamente, a estrutura de todo o primeiro capítulo da pesquisa.

No segundo capítulo, a apresentação e o conhecimento da obra do autor em questão, bem como a justificativa de sua escolha foram imprescindíveis. Como já dito anteriormente, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma obra especial; de fato, um marco não só na vida de Machado, mas na literatura nacional. Nela, Machado tece uma trama fina e fortemente irônica sobre o ser humano, aliás, como diria Alfredo Bosi a respeito, “o objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano (...), atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios”³. Dessa forma, com a leitura atenta e a apresentação de cada personagem marcante em sua obra, é-nos possível observar e contemplar a visão de homem machadiana: pessimista, negativa, sem sentido e marcada pela “herança da miséria humana”⁴. A origem des-

2. LATOURELLE, René. *Teologia: ciência da salvação*. Trad. Monges Beneditinos de Serra Clara. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 26

3. BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p.11

4. Cf. ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 28ª ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 176

ta visão de homem estaria na própria experiência subjetiva do autor, marcada pela dura vida dos homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império⁵.

Todavia, um detalhe muito importante faz toda a diferença para a nossa compreensão da visão de homem machadiana. À primeira vista, olhar a autobiografia de um defunto como Brás Cubas, que viveu 64 anos de uma vida aburguesada, mas privada da felicidade e da riqueza que as coisas mais simples fornecem, pode parecer deprimente e pessimista demais. Aliás, é o alerta feito pelo próprio Brás ao afirmar ter escrito suas memórias com a tinta da galhofa e a pena da melancolia, colocando em alguns momentos suas rabugens de pessimismo⁶. A diferença consiste na ironia presente e sentida ao longo de toda a leitura da obra. A ironia torna-se a mediadora da visão de homem machadiana, que passa de mero e simples pessimismo para uma crítica incisiva e contundente do ser humano e da sociedade. A ironia, por sua natureza, permitiria ao autor e, por conseguinte, ao leitor de Machado compreender e refletir sobre o humano. Portanto, por ela, somos capazes de enxergar o “outro lado da moeda”⁷, antes obscuro, desconhecido e ignorado. Agora, iluminado, criticado, revelado e assumido.

Nesse outro lado da moeda realizamos nosso encontro com Deus. Aí entra em ação a Teologia, a fim de realizar, por meio do diálogo, um discurso onde seu enfoque seja o Humano, mas sua finalidade seja o Divino.

Este é o cerne do terceiro e último capítulo da pesquisa que visa ao encontro com Deus pela característica do homem machadiano: sem sentido, pessimista e negativo. Brás Cubas, o “homem sem sentido”, curiosamente pode ser o ponto de partida para encontrar o Deus do sen-

5. Cf. REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis: com uma antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982, p. 16

6. Cf. ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. p. 17

7. Cf. KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Machado de Assis por dentro*. Ribeirão Preto: Migalhas, 2011, p.34

tido, Aquele que se revela na História, que cria o mundo e lhe estabelece uma ordem, que estabelece uma Aliança com o ser humano e realiza não só uma promessa, mas uma autocomunicação pela Revelação⁸.

Em outro aspecto, o pessimismo nos leva a olhar a impotência do homem e a necessidade da graça de Deus. Nisto consiste a originalidade da graça: a transformação do ser humano. À medida que se percebe esta necessidade, o Humano vai se identificando, ficando parecido com Deus. A Salvação, portanto, é a plena identificação do homem com Deus. Nossa divinização acontece não conquistando a natureza divina, mas permitindo que Deus nos envolva. Nós não nos identificamos com Deus, mas é Deus que, ao nos criar, nos identifica com Ele mesmo, visto que foi Ele quem decidiu entrar na história, elevando-nos sobre nossas possibilidades. Dessa forma, Deus nos abriu o caminho até então impossível da realização e da felicidade plenas⁹.

Em suma, o mais importante dessa aproximação teológica com Machado de Assis é perceber, em primeiro lugar, que tal aproximação é possível e, em um segundo momento, é enriquecedora. O diálogo entre as duas leva-nos a perceber a importância do diálogo em si, tanto para a Teologia como para a Literatura. Na sociedade, o diálogo também é fundamental para a construção de relações e superação de diferenças, favorecendo o progresso e a percepção do Humano no cosmo, na história e na criação.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 28ª ed. São Paulo: Ática, 2002. 176p.

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007. 237p.

8. Cf. HAUGHT, John F. *Mistério e promessa: teologia da revelação*. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1998, p. 201

9. Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999, p. 172

- CRUZ, Dilson Ferreira da. O éthos dos romances de Machado de Assis: uma leitura semiótica. São Paulo: Nankin; EDUSP, 2009. 424p.
- HAUGHT, John F. Mistério e promessa: teologia da revelação. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1998. 311p.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. Machado de Assis por dentro. Ribeirão Preto: Migalhas, 2011. 130p.
- LATOURELLE, René. Teologia: ciência da salvação. Trad. Monges Beneditinos de Serra Clara. São Paulo: Paulinas, 1971. 307p. (Col. Revelação e Teologia)
- QUEIRUGA, Andrés Torres. Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Trad. Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999. 229p.
- REALE, Miguel. A filosofia na obra de Machado de Assis: com uma "antologia filosófica de Machado de Assis". São Paulo: Pioneira, 1982. 147p.